

O auspicioso futuro dos vegetarianos

do Financial Times

Dentro de cinquenta anos as pessoas que comem carne ou consomem bebidas alcoólicas serão marginalizadas. Em reuniões sociais elas poderão satisfazer esses hábitos nocivos - mais que isso, bárbaros - só depois de terem tido permissão expressa de seus acompanhantes desdenhosos. Os vegetarianos, maioria absoluta, aprovarão leis rigorosas para regulamentar essas substâncias perigosas e ficarão particularmente, para proteger os jovens. Estudos teriam demonstrado que a maioria dos carnívoros adotam esse mau hábito na infância, antes de poderem apreciar a força dos argumentos contra a carne.

É possível argumentar que isto é uma fantasia ridícula. Mas quem teria sonhado que o sentimento público dos americanos iria se voltar com tanta veemência contra os cigarros? Durante a maior parte deste século o hábito de fumar não era apenas aceitável socialmente: era esperado em qualquer pessoa com pretensões à sofisticação. Os artistas de cinema e as modelos fumavam. Assim

como os líderes políticos e os financistas. O cigarro era "de rigueur" para os intelectuais: quantos escritores, artistas ou músicos recusariam um cigarro na década de 50?

Mas hoje os fumantes nos EUA são uma minoria furtiva, deplorada, que quase sempre é encontrada espremida perto da entrada dos edifícios onde não ousam entrar. O cigarro é um vício dos mais jovens - e dos apologistas antiquados

Porcos e vacas também sofrem

que não têm firmeza para largar o hábito. O cigarro já é proibido nos locais de trabalho de militares, na maioria dos locais públicos, nos aviões e em muitos restaurantes. Provavelmente será logo proibido em todos os lugares - exceto nos apropriados, com ventilação independente.

Agora os estados estão

processando as companhias de cigarros para serem ressarcidos do grande - e desnecessário - gasto com tratamento de doenças causadas pelo cigarro, tais como câncer do pulmão e doenças cardíacas.

A punição reguladora reflete uma atitude diferente do público. As pessoas se voltaram contra os cigarros por estarem mais preocupadas com a saúde do no passado, em virtude de uma consciência mais aguda quanto aos riscos de doenças. A força do movimento global contra os cigarros depende amplamente dos padrões de vida e do acesso à informação. Não surpreende o fato de os EUA estarem na vanguarda, seguidos pela Europa Ocidental; só no mundo subdesenvolvido e nos países que deixaram de ser comunistas os cigarros ainda são considerados "chiques" ou desejáveis.

Parece que a opinião se voltará contra a carne e o álcool por razões semelhantes. Um estudo recente publicado na British Medical Journal indicou que os vegetarianos tinham uma probabilidade 40% menor de morrer de câncer que a dos consumidores de carne.

Isso foi constatado após numerosos estudos prévios que ligavam o consumo da carne a outras doenças crônicas.

Muito mais pessoas morrem de doenças cardíacas nos EUA e na Europa Ocidental que nos países asiáticos, onde grãos, feijão e peixes constituem a dieta padrão. A razão devia ser óbvia para qualquer viciado em "hamburger": a carne (sobretudo o bife) é saturada de gordura prejudicial e de colesterol.

A razão mais forte para abandonar a carne é provavelmente a autopreservação, mas a decisão é sustentada por argumentos ambientais que com certeza gozarão de grande simpatia nas próximas décadas.

Na qualidade de seres morais, como podemos defender o massacre desnecessário de milhões de animais, sobretudo quando a ingestão de sua carne fresca pode nos fazer adoecer? A base da moralidade é a compaixão ou o desejo de evitar o sofrimento. Já que é difícil negar a capacidade de sofrer do gado bovino, dos carneiros e dos porcos, estamos necessariamente agindo de modo não ético quando os comemos. Além

disso, se a terra que hoje é usada como pastagem recebesse plantações de cereais, feijões e vegetais, poderíamos alimentar milhões de pessoas famintas do Terceiro Mundo, sem nenhum custo líquido, ao mesmo tempo que reduziríamos os malefícios ao ambiente.

O álcool pode ter mais poder de resistência que a carne, porque através da história os humanos têm buscado uma forma de

Moderados acabam virando alcoólatras

escapar à realidade. Muitos moderados argumentarão que um copo de vinho ou cerveja é positivamente bom para sua saúde. Talvez. Mas o preço pago pela aceitação social desta droga perigosa é pesado.

Como o álcool vicia, muitas pessoas não são capazes de controlar seu consumo. A medida que envelhecem, elas tendem a beber ainda mais apesar da redução de sua capacidade para absorver a droga. Um número surpreendente de moderados termina como semi-alcoólatras; o custo humano em carreiras destruídas, casamentos despedaçados, mortes prematuras ou incapacitação é alto.

As estatísticas são muito

perturbadoras. Nos Estados Unidos o álcool é uma das principais causas de mortalidade seguido por doenças cardíacas e câncer (para o qual contribui). Apenas a cirrose do fígado reclama 26 mil vidas ao ano. Cerca de 50% dos choques fatais são relacionados com álcool. Sabe-se que beber exacerba problemas sociais - inclusive violência nas ruas e espancamento de mulheres em casa. Estimativas conservadoras indicam que os custos puramente econômicos do abuso do álcool - em dias de trabalho perdidos, mortes prematuras e despesas médicas - excedem US\$ 100 bilhões ao ano nos Estados Unidos.

Para que não haja qualquer confusão, não suporto proibições de qualquer tipo, exceto aquelas (tais como restrições ao fumo no local de trabalho) que têm como objetivo proteger as partes inocentes. Sou libertário o suficiente para acreditar que as pessoas devem ter liberdade para buscar prazer como acharem conveniente, mesmo com o risco de se matarem.

Nem sou favorável a clichês ou filosofias puritanas de vida. A opinião pública se voltou contra os cigarros porque as pessoas perceberam, na balança, que eles reduzem mais do que aumentam a soma dos prazeres humanos. Este é o espírito com o qual futuras gerações rejeitarão carne e álcool. E, caso os leitores estejam curiosos, foi com este espírito que voltei minhas costas a estes fugazes prazeres - pelo menos por enquanto.